

Rubens Arley de Almeida Junior¹

Os fantasmas da colonização continuam a assombrar. Seus corpos perdidos no mar, na *plantation* e nos arquivos. Enquanto espectro, esses fantasmas vão se repetindo e se transformando ao longo da história. O navio tumbeiro é um espectro. Ele se repete na prisão, no hospício, na escola, em todo lugar, cindido pelo colonial.

A existência negra se aloja em um tempo desarticulado, em que passado, presente e futuro se confundem, se contradizem e sobretudo se fragmentam. Derrida (2006) pensa esse tempo desarticulado sob a metáfora do espectro shakespeariano.

Hamlet: Rest, rest perturbed Spirit! [...] The time is out of ioynt: Oh cursed spight, That ever I was borne to set it right. Nay, come, let's goe together. (Ato I, cena V, apud Derrida, 2006, p. 22).

O espírito do pai de Hamlet exige ser vingado e continuamente se repete. Cabe a Hamlet se vingar para que o fantasma descanse. Cabe a Hamlet o trabalho do luto. Assim, para o autor, um espectro é a cena que se repete ao longo desse tempo, com diferentes fantasmas. Entretanto, o rei da Dinamarca não sofre a cisão colonial, não sofre da fratura ontológica advinda da colonização. O desafio aqui é outro, embora a *hauntology* de Derrida (2006) oriente de certa maneira a interpretação realizada.

Como disse Jota Mombaça (2020), o corpo negro é uma máquina do tempo. A escravização é reencenada, recontada e repetida. Os fantasmas falam e continuam a exigir sua vingança. Mas quem está de vigília por eles? Quem permanece de luto por esses fantasmas que habitam o mar, a *plantation* e os arquivos? Derrida (2006) lança a tarefa de aprender a língua e ouvir os fantasmas.

What seems almost impossible is to speak always of the specter, to speak to the specter, to speak with it, therefore especially to make or to let a spirit speak [...] As theoreticians or witnesses, spectators, observers, and intellectuals, scholars believe that looking is sufficient. Therefore, they are not always in the most competent position to do what is necessary: speak to the specter. (Derrida, 2006, p. 11-12).

¹ Graduando no curso de Bacharelado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC/Marília) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

A obra *No vestígio: negridade e existência*², publicada pela editora Ubu, em 2023, com tradução de Jess Oliveira, de Christina Sharpe³ procura tecer uma trilha de fuga. Sharpe está preocupada em dialogar com o espectro e em elucidar os fantasmas que pairam entre nós. Localizar os vestígios dos corpos e lançar sobre eles caminhos que possibilitem reinventar a vida para além do colonial. Sharpe dialoga com a proposta dada por Saidiya Hartman: “Eu quero fazer mais do que recontar a violência que depositou esses vestígios no arquivo” (Hartman, 2020, p. 15 *apud* Sharpe, 2023, p. 236). Assim, a autora busca traçar uma metodologia outra, talvez uma submetodologia indisciplinada (Mombaça, 2016) que possibilite trabalhar os arquivos da escravidão e os arquivos do cotidiano sem meramente reproduzir e reencenar a violência colonial.

No vestígio é escrito no contexto da primeira metade da década de 2010, sob égide da presidência de Obama, da crise migratória para a Europa e do terremoto do Haiti. A perenidade, a constância e a repetição da morte rondam a vida negra. Sharpe parte de sua própria vivência, analisando-a enquanto processo histórico. Em 2013, a autora perdeu sua irmã mais velha IdaMarie e em menos de dez meses, mais dois familiares.

Essa seria a segunda vez em minha vida que três parentes próximos morreriam sucessivamente. Na primeira ocasião, em 2 de fevereiro de 1997, 19 de janeiro de 1998 e 4 de julho de 1999, sobrevivemos à morte de meu sobrinho Jason Phillip Sharpe; de minha mãe Ida Wright Sharpe; e de meu irmão mais velho, Van Buren Sharpe III. A maneira como essa repetição mortal aparece aqui é uma instanciação do vestígio como quadro conceitual da/para a negridade viva na Diáspora [...] (Sharpe, 2023, p. 9-10).

A noção de vestígio surge então como categoria analítica da existência negra. A autora utiliza da polissemia do termo *wake*. *Wake* é o vestígio do navio na água, é o rastro de ondas no mar. *Wake* é a vigília, o luto pelos mortos. *Wake* é a vereda, o recuo da arma quando atira. Viver no vestígio significa viver em um regime de morte e de violência, e apesar dele “ainda produzimos no, para o, e através do vestígio uma insistência na existência: ecoamos a vida Negra no vestígio” (Sharpe, 2023, p. 29).

Nesse sentido, Sharpe propõe pensar uma metodologia em fuga que habita e escapa do vestígio, no qual “[...] o passado que não passou reaparece, sempre, para romper com o presente.” (Sharpe, 2023, p. 25). A repetição do passado em múltiplas configurações exige uma outra forma de análise. O trabalho de vigília, de luto pelos mortos da escravidão e do presente que nos rondam em busca de vingança é o que a autora aponta como um trabalho analítico, uma forma de lidar, entrar e sair dos arquivos da morte Negra. Dessa forma, “existir *no* vestígio é ocupar e estar ocupada pelo presente contínuo e mutável dos desdobramentos ainda não

resolvidos da escravidão.” (Sharpe, 2023, p. 34). Existir no vestígio é uma forma de consciência, é teorizar o navio negreiro e questionar o que sobrevive à negação ontopistemológica que navega nas águas da história. Para isso, a autora se volta às expressões culturais, artísticas e poéticas negras, que retratam o paradoxo da vida negra. Esse paradoxo é o vestígio.

Para se compreender a sobrevivência da escravidão (Hartman, 2021) o trabalho de vigília “*wake work*” surge como um trabalho de cuidado da própria vida negra, (re)imaginando-a para fora do rastro do navio. Estar em vigília é se contrapor ao que Sharpe denomina “ortografia do vestígio”, a qual descreve a catástrofe negra de maneira rápida, repetitiva e em ampla circulação midiática, seja pela televisão, seja pelas redes sociais. A ortografia do vestígio registra e se põe em produção da antinegitude, é um mecanismo de representação, de fixação, que restringe a vida negra à tragédia e à catástrofe, limitando-a, fechando os caminhos de fuga. Mas como pensar a vida negra, neste trabalho de vigília, realmente fugindo do estereótipo e da fixidez da representação colonial (re)produzida pela ortografia do vestígio?

Para isso, Christina Sharpe desloca a posição da vida negra no arquivo. A vida negra não foi apagada, mas asteriscada. A vida negra resiste como vestígio e como rastro no arquivo. É necessário encontrar e trabalhar com essas histórias asteriscadas. O asterisco também significa excesso, significa abertura e cisão para pensar as múltiplas configurações da vida negra que extrapolam a fixidez. Desse modo, o Atlântico Negro se torna um *trans*Atlântico*, se torna marcado por um excesso perene e impensado pela ortografia do vestígio.

O trabalho de vigília pelos mortos, então, exige “encontrar aquele na grande narrativa da história” (Sharpe, 2023, p. 69), exige a consciência da multiplicidade que *trans*borda* – aqui me aproprio da dimensão conceitual de Sharpe – a ciência, a episteme colonial e as metodologias empregadas. Talvez um dos grandes eixos da obra de Sharpe está no trabalho de vigília em torno da fotografia de uma garota no terremoto do Haiti, em 2010.

Não foi a primeira vez que entrei cautelosamente nesse arquivo, mas dessa vez fui parada pela fotografia de uma menina haitiana de no máximo dez anos. Um terço da imagem, o lado esquerdo, está borrado, mas o rosto dela está nítido; é o que está em foco. Ela está viva. Seus olhos estão abertos. Ela está deitada em uma maca preta; sua cabeça está em cima de uma bolsa de gelo, há uma ferida à mostra acima e abaixo de seu olho direito e um pedaço de papel grudado em seu lábio inferior, e ela está usando o que parece ser uma bata hospitalar. Ela está olhando para a câmera ou além dela; seu olhar chega até mim. Colado em sua testa, um pedaço de fita adesiva transparente com a palavra “*Ship*” (Navio) escrita.

Quem colou essa fita em sua testa? E isso importa?

Que expressão é essa nos olhos dela? O que eu faço com isso?

[...] Para onde ela está olhando? Quem é o que ela está procurando? Quem pode olhar para trás? Ela sabe que tem um pedaço de fita na testa? Ela sabe o que diz aquele pedaço de fita adesiva na testa? Ela sabe que foi destinada a um navio? (Sharpe, 2023, p. 88-9).

A partir desses questionamentos, Christina procura pensar essa história asteriscada. Entendendo a categoria “Navio” como essa fantasmagoria do vestígio, a autora busca entender por que marcar alguém violentamente com a nomeação de navio, quando esse alguém já é marcado pelo navio? A garota já carrega todas as marcas da existência fraturada no vestígio, carrega em si o rastro do tumbeiro. Sharpe rastreia essa violência a partir da legenda da imprensa sobre a fotografia de Joe Raedle, “Criança ferida espera ser transportada para tratamento no USNS Comfort”.

Além disso, o espectro da colonização se repete, pois vive-se em um tempo que “aparece aqui rachado [...] um tempo oceânico que não passa, um tempo em que o passado e o futuro se roçam” (Sharpe, 2023, p. 231). O navio estadunidense Comfort reencena no vestígio o navio Zong, originalmente chamado Zorg, que significa “cuidado” em holandês. O Zong assassinou em torno de 140 pessoas, lançando-as ao mar somente para receber o seguro da carga humana que transportava. Sharpe aponta para essa semelhança: conforto e cuidado, o paradoxo do Navio reencenado no vestígio.

Sharpe, então, se questiona: “Como o próprio sistema projetado para desfazê-la e inscrevê-la pode ser o mesmo que a salva? Como a pessoa marcada pelo navio pode ser salva sendo marcada para ele?” (Sharpe, 2023, p. 169).

Então, como pensar a existência negra para além da ortografia do vestígio? Em fuga dessa representação fixa e espectral, ou, em suma, dessa representação “*out of joint*”? Uma vez que não há retorno da Passagem do Meio “*Middle Passage*”, – esta “moldura que produz corpos Negros como significantes da escravização e de seus excessos, assim como o fundamento que a/nos posiciona para carregar o fardo dessa significação” (Sharpe, 2023, p. 182) – como escapar da repetição do Zong, da multiplicação do porão e do navio por todos os lugares, espaços e instituições?

Christina Sharpe posiciona a negritude a partir de uma categoria que a coloca em fuga, que ajuda a pensar o impensado e o impensável. Ao colocarmos a autora em diálogo com Denise da Silva (2019), podemos pensar que, uma vez a negritude descrita como Coisa hegeliana, o objeto sem valor, mas que “hospeda todas as possibilidades, inclusive as não contempladas” (Silva, 2019, p. 58), ela sempre se configura como excesso, como além-de. E é a partir desse excesso que a negritude se configura como “(a)temporal, dentro e fora do lugar e do tempo,

pressionando o significado e aquilo contra o qual o significado é produzido” (Sharpe, 2023, p. 140).

A negridade, enquanto excesso e como tensão em constante deslocamento, enquanto possibilidade “*out of joint*”, enquanto im/possibilidade. A negridade desestabiliza a relação colonial em que o Eu transparente e seus outros afetáveis (Silva, 2022) emergem. A negridade tensiona e desestabiliza o regime no qual “o apagamento de outros seres e significados (im)possíveis que o traço tenta em vão significar” (Silva, 2022, p. 108). Por mais que a representação moderna-colonial, por meio de canhões e saberes, procure fixar as significações, a negridade, enquanto Coisa, traz à tona outros seres e significados indóceis, insubmissos.

É nesse sentido que Christina Sharpe aponta para a categoria de negridade anagramatical. O prefixo “ana-” é a repetição, o lugar do novamente. Assim, a negridade se revela como essa configuração “*out of joint*”, em perene tensão e deslocamento fantasmagórico. A negridade é o anagrama: “gênero gramatical [que] se esvai e novos significados proliferam” (Sharpe, 2023, p. 140). Enquanto anagrama, a negridade tem a capacidade de re-configurar as armas e a episteme da modernidade. A negridade des-faz os significados e, enquanto repetição fantasmagórica, revela a dificuldade, senão a impossibilidade de se fixar a significação e a representação. Assim, novamente dialogando com Denise da Silva (2019), pode-se entender que a negridade tem essa capacidade de desordenar o Mundo Ordenado, uma vez que é anagramatical.

A tarefa enfrentada por Sharpe nesse texto é, então, pensar em metodologias fugitivas de um tempo “*weather*” no qual a antinegridade se torna a condição atmosférica de tempo e lugar, no qual a antinegridade é tão densa que o ar, ou a sua falta, se torna sufocante. O tempo é a mutabilidade e o alastramento da antinegridade. A fantasmagoria da antinegridade ou do vestígio, seus mecanismos de (re)produção, sua ortografia não se dá meramente a partir da repetição infinita, mas sobretudo a partir da totalidade do tempo. O tempo antinegro se alastrou como totalidade. Por isso, “o tempo *trans*forma* a existência Negra” (Sharpe, 2023, p. 194). Ao *trans*formar*, ele conduz a vida negra à morte, mas também abre margens de possibilidade. O asterisco é a instabilidade. O tempo antinegridade asterisca a vida negra, ao mesmo tempo que a negridade o excede, deslocando a cisão ontoepistemológica imposta pela significação colonial.

Em meio ao tempo sufocante, os arquivos coloniais são arquivos da falta de ar. Sharpe questiona: como defender quem morreu? Se o trabalho da crítica e do pensamento negro é sobretudo um trabalho de luto e de vigília “*wake work*”, a práxis negra deve ir em direção a pensar como manter a respiração do corpo Negro. Assim, a autora aponta para duas expressões

do trabalho de vigília: a anotação Negra “*Black annotation*” e a revisão Negra “*Black redaction*”.

Uma vez que a ortografia do vestígio descreve e fixa as representações acerca da existência negra, é necessário reinventar-se e traçar novas formas de escrever que possibilitem sensibilizar novamente diante do desastre e da existência negra. Sharpe aponta para a multiplicidade arquivística e descritiva da vida negra na Diáspora negra, continuamente documentadas, anotadas e revisadas de forma violenta. Assim, a autora propõe a mobilização do imagear e do imaginar para além das lentes brancas coloniais, para além do mundo antinegro. A anotação Negra e a revisão Negra fazem “ver e imaginar respostas ao terror vivido pela vida Negra e pelas formas como a habitamos, somos habitadas por ela e a recusamos. [...] os modos como vivemos esse terror – e como vivemos apesar dele” (Sharpe, 2023, p. 210).

Nesse sentido, a anotação e a revisão Negras são a capacidade de ver e ler outramente, para além da repetição fantasmagórica do colonial: “são maneiras de tornar visível a vida Negra, mesmo que momentaneamente [...] [elas] encontram o anagramatical Negro e o fracasso de palavras e conceitos para se manterem na/sobre a carne Negra.” (Sharpe, 2023, p. 223). Sharpe nos fornece instrumentos poderosos de análise e de subversão da representação colonial, capazes de ouvir, criar e fabular a dissonância da existência negra na Diáspora, disputando e criando caminhos que possam fugir do rastro do navio, do sufocamento do porão, da tempestade do tempo antinegro.

Retomando a imagem da garota haitiana, a autora realiza o exercício de anotação e revisão Negras, permitindo um outro olhar e um outro narrar que evidenciem o excesso da existência negra diante do desastre. Enquanto a ortografia do vestígio restringe e reduz essas vidas ao trágico, à fatalidade e à morte, o que Sharpe propõe é a vida apesar da morte.

Eu estava procurando por mais do que a violência do tumbeiro, do navio de migrantes e de pessoas refugiadas, do navio porta-contêineres e do navio médico. Eu vi aquela folha em seu cabelo e, a partir dela, fiz minha própria anotação que pode revelar essa imagem em uma vida, embora precária, que sempre esteve lá. Aquela folha está presa em suas tranças ainda perfeitas. E eu penso: Alguém trançou o cabelo dela antes do terremoto acontecer. (Sharpe, 2023, p. 218).

Dessa forma, a anotação e a revisão Negras se configuram como trabalho de vigília, tanto nos arquivos cotidianos – como apresentado nesse exemplo –, quanto nos arquivos da escravidão, conversando com os fantasmas e sobretudo, procurando lançar um trabalho de cuidado para com essas vidas asteriscadas.

Assim, talvez o vestígio possa ser entendido como metáfora ou tropo analítico (Matory, 2020) que engloba outras categorias, ou tropos, como navio, porão e tempo, a partir dos quais a obra é dividida em quatro capítulos. Enquanto metáfora analítica da negridade, a noção de vestígio busca evidenciar o paradoxo e a im/possibilidade da existência negra: forjada pelo vestígio da escravidão e do colonial, e ao mesmo tempo excedente, ilimitada. Dessa forma, a noção de vestígio não busca delinear uma visão essencialista ou que aprisiona a um passado idealizado de África, mas justamente o contrário: pensar a existência na Diáspora como múltipla, em transformação, apesar da repetição vestigial.

Essa resenha buscou, portanto, rastrear as principais ferramentas elaboradas por Sharpe para des-pensar a existência negra no mundo colonial. Além dos desdobramentos do vestígio, como sua ortografia, as noções de navio, porão e tempo, buscamos delinear estratégias fugitivas apontadas pela autora: a negridade anagramatical, a anotação Negra e a revisão Negra, as quais podem ser interpretadas sob o diálogo com Denise da Silva (2019).

A metodologia fugitiva, indisciplinada de Sharpe não está deslocada do projeto de descolonização, uma vez que “a força radical da Negridade reside na virada do pensamento; o conhecer e o estudar conduzidos pela Negridade anunciam o Fim do Mundo como o conhecemos” (Silva, 2019, p. 91). Ao estabelecer ferramentas que “anagramatizam” o pensamento moderno, Christina parece aceitar o convite e o desafio de “des-organizar, de-formar, des-pensar o mundo” (Silva, 2019, p. 91), a partir do que Denise (2019) denomina Poética Negra Feminista.

A Poética Negra Feminista vem-a-ser, existe aqui, num Mundo Implicado cuja imagem é a Poética sem fim: isto é, como Corpus Infinitum, a existência para o além do Espaço-Tempo, onde A Coisa resiste dissolvendo qualquer tentativa de reduzir o que existe e acontece aos registros do objeto, do outro ou da mercadoria. (Silva, 2019, p. 109).

Dessa forma, Sharpe parece propor rever as categorias da Crítica Negra Feminista, sem a garantia de que esta mesma e as suas ferramentas sobreviverão à Poética. As contribuições de *No vestígio* nos permitem repensar o estatuto das Ciências Humanas e Sociais diante da Negridade, questionando a forma como os/as/es pesquisadores/as/us adentram e saem dos arquivos da escravidão e dos arquivos do cotidiano, como lidam com as histórias asteriscadas e com os fantasmas da fratura temporal da colonização. Sharpe nos convida para essa tarefa radical da fuga, de reimaginar a vida negra no e para além do vestígio, de maneira a se esquivar das armadilhas coloniais da representação. Dialogando com Sharpe, é possível “anagramatizar” o horizonte semântico e lexical autorizado das Ciências Humanas, e do regime colonial de

produção e expropriação epistêmicas. Anagramatizar as ferramentas metodológico-conceituais a partir da Negritude para enfim deslocar-se rumo a um des-pensar e um des-fazer do mundo como conhecemos.

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **Spectres of Marx**. Nova York, Londres: Routledge, 2006.
- HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- MATORY, J. Lorand. O navio de volta para casa: Tropos analíticos como mapas da e para a história cultural da diáspora africana. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 969-993. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1015>.
- MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. **Arte E Descolonização: Masp Afterall**, São Paulo, n. 9, 2020. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZW0J7Xs8Dgp6.pdf>.
- MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, pp. 334–354, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>.
- SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus: para uma ideia global de raça**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.
- SHARPE, Christina. **No vestígio: negritude e existência**. São Paulo: Ubu editora, 2023.
- SPILLERS, Hortense. Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella; ARIAS, André (orgs.). **Pensamento Negro Radical**. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2021.

² No original: *In the wake: on blackness and being*, publicado em 2016 nos Estados Unidos, pela Duke University Press.

³ Christina Sharpe nasceu em 1965, é graduada em Inglês e Estudos Afro-Americanos pela Universidade da Pensilvânia e concluiu o mestrado e o doutorado em Língua e Literatura inglesas pela Universidade Cornell. Atualmente, é professora de Estudos Negros nas Humanidades na Universidade York, em Toronto.